11º Encontro Internacional de Política Social
18º Encontro Nacional de Política Social
Tema: Entre o capital e a vida: questão social, crise ambiental e resistências
Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Exploração e Opressões no capitalismo.

Trabalho e reprodução social: a divisão capitalista do cuidado

Natália de Oliveira Santos[1]

A compreensão das desigualdades que permeiam a esfera do cuidado exige retomar a centralidade do trabalho na sociabilidade capitalista, distinguindo suas duas dimensões fundamentais: o trabalho produtivo e o trabalho de reprodução social. O presente trabalho tem como objetivo analisar, as atividades voltadas à sustentação da vida — cuidado, limpeza e apoio emocional, entre outras — compõem a base material essencial que sustenta a produção mercantil, embora permaneçam historicamente invisibilizadas e naturalizadas como funções femininas.

Fundamentando-se em Marx (2023) e Lukács (2013) na ontologia do ser social, o trabalho é compreendido como o processo teleológico pelo qual o ser humano medeia seu metabolismo com a natureza, criando as condições de sua própria existência e inaugurando a sociabilidade. Contudo, sob a égide do capital, essa atividade vital é distorcida e alienada. Conforme Marx (2023), o consumo individual da classe trabalhadora para sua própria manutenção é, na realidade, a produção do meio de produção mais indispensável ao capital: a própria força de trabalho.

A Teoria da Reprodução Social (TRS) aprofunda essa análise ao demonstrar que a manutenção cotidiana e geracional da força de trabalho é uma condição permanente para a acumulação capitalista. Segundo Bhattacharya (2019), essa reprodução abrange três dimensões: a restauração diária do produtor; o cuidado com não trabalhadores (crianças e idosos); e a renovação geracional. O modo de produção capitalista renega os custos dessa reprodução ao privatizá-la no âmbito doméstico, transformando o trabalho vital em "cuidado por amor", o que mascara sua natureza de trabalho não pago e essencial. Essa organização é regida pela divisão sexual do trabalho, pautada nos princípios de separação e hierarquia (Kergoat, 2009), que destina às mulheres as tarefas de menor prestígio e remuneração. No contexto brasileiro, essa dinâmica consolida uma divisão sócio-sexo-racial (Moraes *et al.*2023), onde o racismo e o patriarcado se imbricam para precarizar a vida de mulheres negras.

[1] Graduada em Serviço Social pela UFVJM. Email: natalia.s@ufvjm.edu.br .

No Brasil. as contradições entre gênero e raça-entre outras- refletem diretamente nas condições laborais, dados do DIESSE (2024) confirma essa disparidade estrutural: enquanto a taxa de desocupação para homens não negros foi de 4,4%, a de mulheres negas atingiu 9,3% no terceiro trimestre de 2024. A sobrecarga do trabalho de reprodução social, é um fator determinante para essa exclusão, visto que 31% das mulheres permanecem fora da força de trabalho devido a responsabilidades domesticas, comparado com apenas 5%dos homens. Conclui-se que o trabalho de reprodução social, embora historicamente desvalorizado e invisibilizado, constitui o pilar que assegura a continuidade da vida. Portanto repensar a organização do trabalho a partir de analises criticas da divisão sócio-sexual-racial, reconhecendo o cuidado como um trabalho. Essa reestruturação exige não apenas a transformação das relações sociais, mas a elaboração e implementação de políticas públicas efetivas, que valorizem a contribuição das mulheres e intervenham positivamente em sua vivência cotidiana.

Referências

BHATTACHARYA, Tithi. Explicando a violência de gênero no neoliberalismo. **Marx e o Marxismo**, v. 7, n. 12, jan./jun. 2019. Disponível em: https://niepmarx.com.br/index.php/MM/article/view/319. Acesso em: 22 de maio. 2025.

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Mercado de trabalho e desigualdade de gênero e raça**.** Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, 2024.

KERGOAT. Danièle. **Divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo**. In: HIRATA, Helena. et al (orgs.). Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

LUKÁCS, Gyorgy**. Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.
MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política – Livro I: O processo de produção do capital. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2023. 912 p.

MORAES, Lívia de Cássia Godoi; RONCATO, Mariana Shinohara; BORREGO, Arelys Esquenzai. **A revolução será feminista! aporte para lutas estratégicas da classe trabalhadora contra o capital**. Marília, SP: Lutas Anticapital, 2023. v. 1. 123 p. ISBN 9788553104963.